



EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS
MASSAS

Órgão do Partido
Operário Revolucionário
☎ (11) 95446-2020
№ 16 - 25/4/2024



Carta aos trabalhadores e à juventude oprimida sobre o 1º de Maio

- Por um 1º de Maio operário, internacionalista e socialista**
- Por um 1º de Maio que unifique os explorados em todo o país**
- Por um 1º de Maio que empunhe o programa de reivindicações próprio da classe operária**
- Por um 1º de Maio independente do Estado, do governo e de toda a política burguesa**
- Por um 1º de Maio internacionalista que defenda o povo palestino contra o genocídio desfechado pelo Estado sionista de Israel**
- Por um 1º de Maio internacionalista pelo fim da guerra na Ucrânia e por uma paz sem anexação**

Este 1º de Maio está diante de um grande salto na crise mundial do capitalismo. A América Latina vem sendo arrastada pela decomposição da economia internacional. Inúmeros choques políticos ocorrem quase ao mesmo tempo no Continente. O Brasil ocupa um lugar de grande importância. A Argentina emergiu como o epicentro da crise econômica e da luta de classes. As divisões interburguesas que sacodem a Argentina e Brasil e a tendência à polarização de classes se refletem na situação conflituosa que se agrava na Venezuela, Colômbia, Equador, Peru e Bolívia, sobretudo. Na América Central, o Haiti voltou a ser motivo de um novo plano de intervenção imperialista. Cuba, sufocada pelas sanções e embargos dos Estados Unidos, não consegue romper o círculo de ferro que impõe o atraso econômico e a precarização das condições elementares das massas. As manifestações e protestos na Argentina servem de termômetro à luta de classes na América Latina.

A incapacidade dos governos de reagirem e responderem aos grandes problemas internos corresponde à impotência diante das contradições mundiais que vêm se avolumando décadas após décadas. A projeção da alta tecnologia ao contrário de libertar as forças produtivas fortalece os seus obstáculos. O desemprego, subemprego, informalidade, alta do custo de vida e retrocessos nas condições de existência das massas, que enfrentam pandemias e toda sorte de desastres sociais, estão em choque com a alta concentração de riqueza controlada por uma minoria de capitalistas. O fato de se generalizarem ao ponto de se despontarem como um grande problema nos países desenvolvidos e imperialistas evidencia o grau de decomposição do capitalismo e a necessidade de transformações históricas.

As guerras de dominação que tomaram uma proporção em escala internacional, como a da Ucrânia e

a da Faixa de Gaza, põem à luz do dia o esgotamento da ordem mundial estabelecida depois da Segunda Guerra Mundial. Afloram as leis econômicas do capitalismo da época imperialista, que é a última fase de desenvolvimento da sociedade de classes. As guerras travadas entre Estados se tornam inevitáveis e altamente destrutivas nas condições em que as forças produtivas se encontram obstaculizadas pelas fronteiras nacionais. O que revela a que ponto chegou a necessidade das forças produtivas mundiais continuarem seu curso em meio à camisa de força das relações capitalistas de produção que passaram a sufocá-las. Não por acaso, as guerras na Ucrânia e na Faixa de Gaza, bem como a escalada militar na Ásia oriental, motivada pela guerra comercial dos Estados Unidos com a China, suscitaram o espectro de uma terceira guerra mundial.

O genocídio na Faixa de Gaza retrata em miniatura a barbárie social que engloba os continentes. O fato de a matança, que recai sobre um povo desarmado e encurralado em uma pequena fatia do território palestino, contar com o apoio dos Estados Unidos e demais potências é a demonstração de que a barbárie pode se proliferar ainda mais com a escalada militar. A guerra do Estado sionista - voltada ao expansionismo, a carnificina de 34 mil, sendo 14 mil crianças, e a pilha de mulheres mortas - é de responsabilidade da burguesia imperialista. A guerra na Ucrânia foi provocada pelo avanço do cerco da OTAN à Rússia, enfraquecida pela liquidação da URSS e pela restauração. É também de responsabilidade da burguesia imperialista. São guerras de dominação que se passam sem que o proletariado possa se erguer em posição contrária com seu programa e seus métodos próprios da luta de classes.

As grandes manifestações pelo fim do genocídio e pela defesa da autodeterminação do povo palestino

têm sido de grande importância justamente porque colocam a luta anti-imperialista, por meio da qual se avançará no sentido da luta socialista. O internacionalismo proletário emerge na contracorrente da escalada militar, das guerras e da barbárie. Objetivamente, expressa a interdependência dos combates anti-imperialistas e da necessidade dos explorados retomarem a bandeira do socialismo e do comunismo.

Os retrocessos impostos pela contrarrevolução que ganhou terreno desde as décadas de 1980-1990 estão na base do enfrentamento dos Estados Unidos com a China e das guerras que abalam a Europa e o Oriente Médio. Em contraposição aos retrocessos e às guerras, as massas deram um importante sinal de resistência questionando o Estado genocida de Israel e o amparo financeiro e militar dos Estados Unidos. Deram um primeiro passo na luta anti-imperialista. Somente não a ampliaram e a aprofundaram devido à ausência da direção revolucionária que encarne o internacionalismo proletário. É questão de tempo e de experiência para que a fração mais combativa da classe operária e dos demais oprimidos tome em suas mãos a recuperação das conquistas mundiais que se materializaram nas revoluções do século XX, tendo à frente a Revolução Russa.

O programa da revolução social foi testado e aprovado pelas leis da história. Nenhum retrocesso, sendo os mais significativos a liquidação da III Internacional e o desmoronamento da URSS, tem a faculdade de soterrar o programa internacionalista das revoluções que transformam a propriedade privada dos meios de produção em propriedade social. A quebra das direções no processo violento da luta de classes é parte dos altos e baixos, dos avanços e recuos. Sem dúvida, as derrotas e retrocessos das últimas décadas provocaram uma grande dispersão e uma gigantesca desorganização dos explorados em todo o mundo. Esse fenômeno, neste momento de impulso das guerras, obriga a classe operária e o seu destacamento mais combativo e consciente a retomarem as conquistas do passado e as colocarem sob a perspectiva da luta anti-imperialista e socialista.

Esse 1º de Maio surge como uma oportunidade para levantar as bandeiras anti-imperialista e socialista. O proletariado, certamente, vai expressar seus instintos comunistas unificando-se em torno a um programa de transição que vincule indissolavelmente a luta pelas reivindicações mais elementares com a luta estratégica da revolução social, da abolição da sociedade de classes.

Em toda a parte, a burguesia recorre às contrarreformas que eliminam antigas conquistas. A enorme desestabilização das relações trabalhistas atinge a força de trabalho e a mutila em escala crescente. As massas latino-americanas assistem ao brutal plano econômico aplicado, na Argentina, pelo governo de ultradireita de Milei, que venceu o governo decomposto do nacional-reformismo, Fernandez. Em maior ou menor grau, é o que ocorre em todos os países. No Brasil, o governo Lula venceu o ultradireitista Bolsonaro, no entanto, segue a mesma linha de descarregar a crise sobre a maioria oprimida. O enfrentamento da classe operária na Argentina e no Brasil às contrarreformas pesa na balança da luta de classes na América Latina.

Um 1º de Maio unificado, classista e internacionalista é importante para projetar o programa de defe-

sa dos explorados no país e na América Latina. É importante para levantar as bandeiras anti-imperialistas e socialistas que coloquem na ordem do dia o direito de autodeterminação das nações oprimidas e de combate às guerras de dominação. É importante para evidenciar às massas os perigos que corre a humanidade nas condições em que os Estados Unidos potenciam as tendências bélicas e as confrontações que podem levar a uma generalização. É importante para combater as forças ultradireitistas e fascizantes que vêm ganhando terreno. É importante para independizar a classe operária diante dos governos nacional-reformistas. É importante para se constituir uma frente única anti-imperialista, sob a direção da classe operária. É importante para fundir as lutas em um só movimento em defesa do programa de reivindicações e para avançar no sentido da conquista do poder do Estado pelo proletariado.

Ainda que não se trate de soluções imediatas, esse é o caminho para os explorados enfrentarem a pobreza, miséria e fome. Esse é o caminho para colocar na ordem do dia a defesa do salário mínimo vital, dos empregos e dos direitos trabalhistas. Esse é o caminho para derrubar as contrarreformas trabalhista e previdenciária. Esse é o caminho para derrubar a terceirização e a informalidade. Esse é o caminho da luta camponesa pela terra e dos povos indígenas por sua autodeterminação.

É preciso deixar claro no 1º de Maio que nenhum governo burguês pode proteger os trabalhadores da desintegração capitalista. Deixar claro que a classe operária tem de contar com suas próprias forças. Deixar claro que os sindicatos têm de servir à luta e não à colaboração de classes. Deixar claro que os camponeses necessitam da classe operária e que a classe operária necessita dos camponeses para vencer a oligarquia burguesa e o domínio imperialista.

Por todas essas razões, o Partido Operário Revolucionário (POR) se manifesta diante dos trabalhadores e da vanguarda com consciência de classe em defesa de um 1º de Maio unificado, classista, democrático e independente do governo, da burguesia e de seus partidos. O POR condena o divisionismo que enfraquecerá e desviará as forças dos trabalhadores de seu terreno próprio de luta. O POR denuncia o 1º de Maio governista que uniu a grande maioria das centrais para apoiar o governo Lula, que continua aplicando a política econômica antioperária e antipopular. O POR considera um grande erro da CSP-Conlutas/PSTU e aliados em não concentrarem força na convocação da manifestação do 1º de Maio na Praça da Sé.

A unidade de sindicatos que se reivindicam da independência de classe e das esquerdas que se reivindicam do socialismo para que o ato da Praça da Sé seja um canal de expressão do internacionalismo e do classismo se tornou um imperativo nas condições de profunda crise mundial e de divisionismo colaboracionista ditado pelas direções burocráticas da CUT, Força Sindical, CTB e outras.

**Não ao divisionismo!
Pela unidade classista e revolucionária!
Por um 1º de Maio operário,
internacionalista e socialista!**